



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
CURSO DE BACHARELADO EM MEDICINA VETERINÁRIA
DISCIPLINA DE ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO**

RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Orientadora: Vanessa Bonfim da Silva

Sabrina Ferreira Dos Santos

**BARREIRAS - BA
2024**

Sabrina Ferreira dos Santos

RELATORIO FINAL DE ESTAGIO SUPERVISIONADO

Relatório de Estagio Curricular Supervisionado em Medicina Veterinária apresentado ao curso de Medicina Veterinária, na Universidade do Estado da Bahia, campus IX, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Medicina Veterinária. Orientador (a):

Barreiras - BA
2024

Sumário

1 IDENTIFICAÇÃO	7
2 OBJETIVO	7
3 PROGRAMAÇÃO	7
4 INTRODUÇÃO	7
5 DESCRIÇÃO DO LOCAL	8
6 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS	10
7 CASOS CLÍNICOS	13
7.1 CASO CLÍNICO 01: HIPERPLASIA MAMÁRIA FELINA	13
7.2 CASO CLÍNICO 02: INTOXICAÇÃO POR PLANTAS TÓXICAS CONCOMITANTE À INFECÇÃO POR EHRlichia CANIS	16
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
REFERÊNCIAS	25

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Infraestrutura da entrada da clínica. A: entrada da clínica; B: recepção e ao fundo pet shop.....	06
Figura 2 - Infraestrutura de atendimento da clínica. A: consultório 1; B: consultório 2.....	07
Figura 3 - Infraestrutura de internamento. A: internamento dos cães; B: internamento dos gatos.....	08
Figura 4 - Imagem A: auxílio em procedimento cirúrgico de ovariectomia. Imagem B: procedimento de implantação de cateter subcutâneo.....	09
Figura 5 - Imagem A: Úlcera de córnea. Imagem B: alimentação forçada em animal que não está se alimentando sozinho.....	10
Figura 6 - Imagem A: exame ultrassonográfico em felino. Imagem B: lavagem de bexiga por meio de sonda.....	10
Figura 7 - Aferição de pressão arterial em felino.....	11
Figura 8 - Procedimento de ovariectomia. A: mamas acometidas pela hiperplasia após cirurgia de ovariectomia. B: útero gravídico.....	13
Figura 9 - Medicação utilizada para o tratamento de hiperplasia.....	13
Figura 10 - Planta <i>Scindapsus aureus</i> (jiboia).....	14
Figura 11 - Planta <i>Sansevieria trifasciata</i> (espada de são Jorge).....	15
Figura 12 - Medicamentos prescritos na casa rural, o uso destes foi interrompido pela médica veterinária.....	16
Figura 13 - Líquido retirado do abdômen do animal. A. Extração do líquido abdominal na seringa. B. Aspecto do líquido abdominal.....	17
Figura 14 - Imagens do exame ultrassonográfico realizado no cão.....	18
Figura 15 - Exame de 4DX positivado para <i>Ehrlichia canis</i>	20
Figura 16 - Atendimento do paciente no retorno à clínica. A: exame ultrassonográfico; B: animal durante atendimento.....	21

Figura 17 - Mucosa gengival com aspecto icterico.....21

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Resultados do hemograma e exame bioquímico.....20

Tabela 2 - Resultados do hemograma e exame bioquímico.....21

1 IDENTIFICAÇÃO

Responsável: Sabrina Ferreira Dos Santos

Matrícula: 121820170

Local: Pet Herói Comércio De Ração LTDA

Período: 12/08/2024 a 29/11/2024

2 OBJETIVO

Descrever a rotina clínica e aplicar os conhecimentos teóricos adquiridos durante a graduação de Medicina Veterinária na área de clínica médica e cirúrgica de pequenos animais.

3 PROGRAMAÇÃO

Durante o estágio, respeitando-se o plano de trabalho previsto, as atividades programadas foram: acompanhar as consultas clínicas e cirúrgicas; analisar os exames clínicos; participar de procedimentos ambulatoriais e cirúrgicos; administrar medicações e fornecer alimentação para animais internados; auxiliar no preparo do centro cirúrgico para os procedimentos cirúrgicos; auxiliar na limpeza das baias dos animais internados. Dentre outros procedimentos, como aferição de parâmetros, vacinação e vermifugação, realizar coletas para exames laboratoriais sob supervisão de um médico veterinário, auxiliar em consultas de ultrassonografia e ecocardiograma, e realizar a contenção dos animais.

4 INTRODUÇÃO

O estágio curricular supervisionado é um importante componente da grade do curso de medicina veterinária da Universidade do Estado da Bahia - *Campus IX*, essencial para a conclusão do curso. Através deste, é possível pôr em prática os conhecimentos adquiridos durante toda a graduação.

A clínica Pet Herói, no município de Barreiras-BA, foi o local escolhido para a realização do estágio, por conta de sua atuação na área de clínica médica e cirúrgica de cães e gatos. Nela foi possível acompanhar uma rotina diversificada de casos vistos em aula e auxiliar em procedimentos sob supervisão de médicos veterinários.

A supervisão do estágio foi feita em princípio pela Dra. Priscila Bomfim e após sua saída pela Dra. Priscila Lima. Ainda, foi possível contar com a supervisão e apoio das outras médicas veterinárias que atuam na clínica, Dra. Lorrana Alcântara e Dra. Fernanda de Oliveira. A orientação acadêmica junto à UNEB ficou sob responsabilidade da Profa. Dra. Vanessa Bonfim da Silva.

Desta forma, este relatório tem como objetivo descrever a rotina clínica vivida durante o estágio, as atividades desenvolvidas, e discutir os casos clínicos acompanhados mais relevantes dentro das casuísticas, sendo eles: Hiperplasia mamária em felino e Intoxicação por plantas tóxicas concomitante à infecção por *Ehrlichia canis*.

5 DESCRIÇÃO DO LOCAL

A clínica veterinária Pet Herói Comércio de Ração LTDA fica localizada na cidade de Barreiras, Bahia, na Av. Clériston Andrade, número 795, no Bairro Juscelino Kubistcheck, CEP 47.800-358. A clínica atende cães e gatos e conta com os serviços de pet shop, banho e tosa, atendimento clínico especializado e cirúrgico, requisições de exames laboratoriais, internamento, além de veterinários parceiros como cardiologista, ultrassonografista e anestesiologista. O seu horário de funcionamento é das 08:00h às 12:00h e das 13:00h às 18:00h, de segunda a sexta-feira, e das 08:00h às 12:00h aos sábados.

A clínica conta com um pet shop logo na entrada, onde se encontra uma variedade de medicamentos, rações e utensílios veterinários à venda. Mais à frente fica o banho e tosa e ao lado uma sala de espera, na qual os animais são pesados e conduzidos a um dos dois consultórios da clínica.



Figura 1. Infraestrutura da entrada da clínica. A: entrada da clínica; B: recepção e ao fundo pet shop. Fonte: Arquivo pessoal (2024).

Nos consultórios são realizados procedimentos como vacinação, retirada de pontos, administração de medicamentos, consultas e curativos. O consultório 2 conta com uma balança destinada à pesagem dos gatos e de cães filhotes.



Figura 2. Infraestrutura de atendimento da clínica. A: consultório 1; B: consultório 2. Fonte: Arquivo pessoal (2024).

Dentre as instalações, a clínica conta também com um internamento para os cães e um gatil e isolamento para animais com doenças infecciosas. Entre o canil e o consultório 1, fica o centro cirúrgico, onde são realizados procedimentos cirúrgicos e é equipado com aparelho de anestesia inalatória, monitor multiparamétrico, bisturi elétrico e o ultrassom dentário veterinário. Um armário que contém diversos equipamentos cirúrgicos, como kits esterilizados de instrumentos, panos de campo, compressas, fios de sutura, seringas, agulhas e sondas traqueais, além dos medicamentos utilizados durante os procedimentos.



Figura 3: Infraestrutura de internamento. A: internamento dos cães; B: internamento dos gatos. Fonte: Arquivo pessoal (2024).

Além disso, a clínica conta com uma sala de expurgo, destinada a esterilização dos materiais cirúrgicos e refrigeração de vacinas e medicamentos. Também há um banheiro de uso coletivo e um depósito para os materiais de limpeza, utensílios e panos. Contém também um freezer para armazenar os animais que vem a óbito, e o recolhimento destes é realizado por uma empresa responsável.

A Pet Heroi conta com um quadro de 11 funcionários: um gerente, dois recepcionistas, um motorista responsável por buscar e levar animais, três funcionários para o banho e tosa, uma profissional de limpeza geral, e três médicas veterinárias, além de diversos estagiários curriculares e extracurriculares.

6 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

As atividades de rotina desenvolvidas na clínica eram supervisionadas sempre por um médico veterinário e incluíam o acompanhamento em procedimentos em cães e gatos, proporcionando assim, a oportunidade de auxiliar em diversas atividades. Entre essas atividades, estão a vacinação dos animais, participação e auxílio em consultas e cirurgias, realização de curativos, solicitação de exames, coleta de amostras, além de assistência em exames terceirizados como ultrassonografia e eletrocardiograma.

Uma parte importante na rotina era a manutenção dos animais do internamento, procedimento que inclui a limpeza e arrumação das baias, troca de curativos, monitoramento dos parâmetros fisiológicos de cada animal, administração de medicamentos prescritos pelo médico veterinário, coleta de amostra para exames, fornecimento de água e ração e alimentação forçada para os animais debilitados que não se alimentavam sozinhos.

Dentre os procedimentos realizados durante o estágio destacam-se, consultas, cirurgias, vacinações, vermifugações, eutanásias, transfusões sanguíneas, quimioterapias, retiradas de pontos, desobstruções, lavagem nasal, lavagem de bexiga, lavagem retal, aferição de glicemia, aferição de pressão arterial. Também foram solicitados diversos exames laboratoriais como hemogramas, exames bioquímicos, citológicos e urinálises.

Entre os procedimentos cirúrgicos que foram acompanhados incluem-se, ovariectomia (eletiva e não eletiva), piometra, orquiectomia, herniorrafias, cesarianas, mastectomias, enterotomia, cistotomia, exérese de tumores, enucleação, blefaroplastia, correção de hérnia diafragmática e extrações dentárias. Alguns dos procedimentos realizados e acompanhados durante o estágio:



Figura 4: Imagem A: auxílio em procedimento cirúrgico de ovariectomia. Imagem B: procedimento de implantação de cateter subcutâneo. Fonte: arquivo pessoal (2024).



Figura 5: Imagem A: Úlcera de córnea. Imagem B: alimentação forçada em animal que não esta se alimentando sozinho. Fonte: arquivo pessoal (2024).



Figura 6: Imagem A: exame ultrassonográfico em felino. Imagem B: lavagem de bexiga por meio de sonda. Fonte: arquivo pessoal (2024).



Figura 7: Aferição de pressão arterial em felino. Fonte: arquivo pessoal (2024).

7 CASOS CLÍNICOS

7.1 CASO CLÍNICO 01: HIPERPLASIA MAMÁRIA FELINA

A hiperplasia mamária felina é uma doença que consiste em um aumento localizado ou difuso de uma ou mais glândulas mamárias e afeta fêmeas jovens, tanto ciclando quanto prenhas (FRAGOSO *et al.*, 2009), é uma alteração de caráter benigno e não neoplásica (RAHAL *et al.*, 2003). Ela pode ser desenvolvida por um transtorno do organismo dependente de substâncias progesteronais naturais (cio e gestação) ou sintéticas (injeções contraceptivas) (VIANA *et al.*, 2012). Ocorre geralmente em fêmeas felinas jovens, com menos de dois anos de idade, prenhas ou ciclando, geralmente logo após o primeiro cio, e sua ocorrência raramente é associada ao macho felino (ANJOS *et al.*, 2005).

Os sinais clínicos geralmente aparecem de forma aguda e a glândula mamária afetada (ou glândulas) geralmente são edematosas, eritematosas e, em alguns casos, isso pode levar a ulcerações na pele, também podem se tornar infectadas ou necrosadas e podem adquirir até uma infecção bacteriana secundária. Outros sinais clínicos que podem aparecer são apatia, anorexia, febre e desidratação (FRAGOSO *et al.*, 2009; VASCONCELLOS, 2003; VERSTEGEN, 2004)). Alguns animais podem não ter nenhuma outra alteração além do aumento das glândulas mamárias, porém, podem demonstrar desconforto e dificuldade de locomoção em casos de lesões maiores (SILVA *et al.*, 2023).

O diagnóstico é realizado através do histórico e sinais clínicos, porém, o diagnóstico definitivo só pode ser realizado através de biópsia com análise histopatológica subsequente (WEHREND *et al*, 2001).

Estudos mostraram que o tratamento com um agonista da progesterona, aglepristone, pode inibir os efeitos estimulatórios do crescimento das mamas. São realizadas injeções subcutâneas, e a completa regressão do volume mamário pode ser vista no período de uma a duas semanas. Os animais submetidos a esse fármaco não podem estar gestantes devido a seu efeito abortivo (AMORIM, 2007). A ovariectomia (OH) também é vista como uma forma de tratamento, e realizada de forma eletiva serve também como prevenção de patologias hormonais (VIANA *et al*, 2012). A mastectomia também pode ser utilizada como forma de tratamento, em casos que não há a redução do volume mamário após a utilização do progestágeno ou quando ocorre recidiva do processo após um tempo (VASCONCELLOS, 2003).

Relato de caso:

Animal felino, fêmea, sem raça definida, pesando 2,0 kg e com aproximadamente 4 meses, deu entrada no dia 6 de outubro de 2024 apresentando um quadro de hiperplasia mamária afetando todas as mamas. Após anamnese e exames físicos para determinar a hiperplasia foi sugerido o tratamento através de ovariectomia com subsequente aplicação de medicação agonista da progesterona (Alizin). Foram realizados exames de sangue de risco cirúrgico e no dia seguinte o animal foi submetido ao procedimento.

Para o procedimento cirúrgico, foi feita a tranquilização do animal, tricotomia e higienização no local da incisão. Ao identificar o útero durante a cirurgia, foi visto que o animal estava gestante de aproximadamente x dias, e tendo em vista a falta de condições do animal de continuar com a gestação, foi feita a retirada dos embriões juntamente com o corpo uterino. O tutor relatou nunca ter usado nenhum contraceptivo, levando a crer que o fator desencadeante da hiperplasia foram alterações progestacionais naturais, como a gestação.

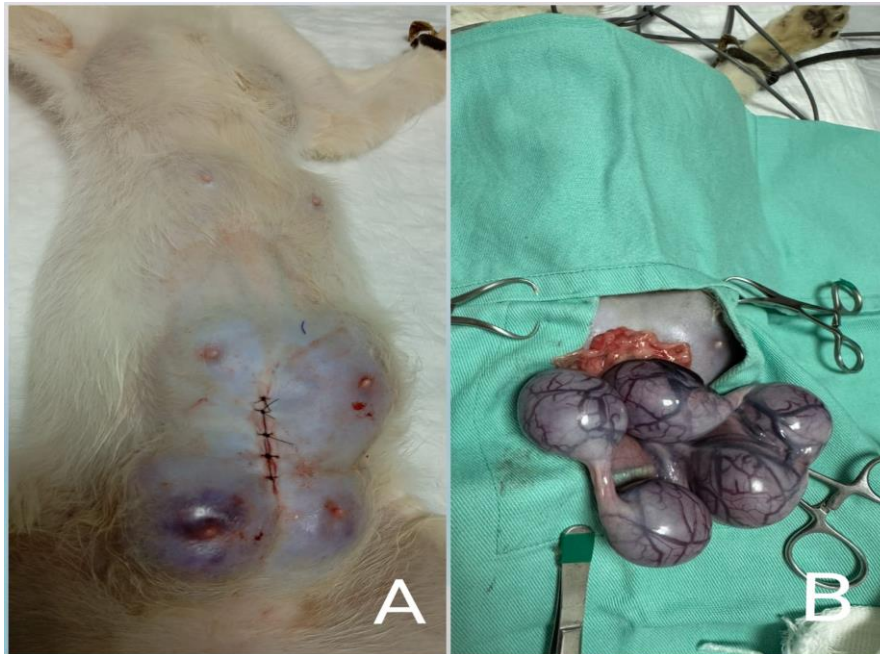


Figura 8: Procedimento de ovariectomia. A: mamas acometidas pela hiperplasia após cirurgia de ovariectomia. B: útero gravídico. Fonte: Arquivo pessoal (2024).

O tratamento medicamentoso com o antiprogéstágeno aglepristone (Alizin®, Virbac Saúde Animal), foi iniciado imediatamente após a cirurgia, por via subcutânea, com administração a cada três dias na dosagem de 1 ml. A receita do animal para o pós-cirúrgico foi com: Cefa sid 110 mg, meio comprimido uma vez ao dia por 7 dias; Flamavet 0,2 mg, um comprimido uma vez ao dia, durante 3 dias; Dipirona gotas, 2 gotas uma vez ao dia, durante 3 dias; Cloridrato de tramadol, 4 gotas de 12 em 12 horas, durante 3 dias; pomada Cikadol e soro para limpeza da ferida cirúrgica.

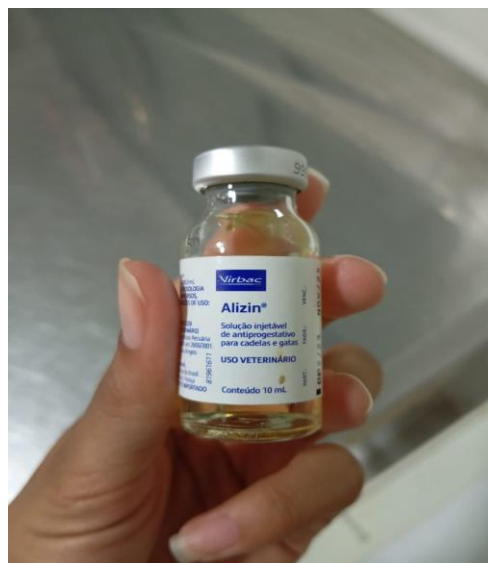


Figura 9: Medicação utilizada para o tratamento de hiperplasia. Fonte: Arquivo pessoal (2024).

O animal teve alta no mesmo dia, após voltar da anestesia e ser constatado que o mesmo se encontrava bem, e foi marcado o retorno do tutor a cada três dias

para prosseguir com o tratamento medicamentoso. No entanto, o tutor não retornou e não deu mais nenhuma informação sobre o estado de saúde do animal.

7.2 CASO CLÍNICO 02: INTOXICAÇÃO POR PLANTAS TÓXICAS CONCOMITANTE À INFECÇÃO POR *EHRlichia canis*

Os cães têm cada vez mais acesso a diferentes plantas tóxicas no ambiente em que vivem, podendo ser em jardins, quintais ou até mesmo no interior de suas residências (MILEWSKI; KHAN, 2006). E com isso, os relatos de intoxicação por plantas ornamentais têm sido cada vez mais frequentes na clínica veterinária (COSTA, 2011).

Vários fatores favorecem a intoxicação de cães por plantas ornamentais, como idade do animal: no caso dos filhotes que são mais curiosos; tédio, em animais que são deixados sozinhos em casa por muito tempo e tendem a procurar distrações; e em mudança de ambiente, explorando todas as novidades, inclusive plantas recém colocadas (ANDRADE, 2011).

Scindapsus aureus, mais popularmente conhecido como jiboia, jiboia-verde, erva-do-diabo, tem como princípio tóxico cristais de oxalato de cálcio. É utilizada como ornamento em casas, mas também pode ser encontrada em pastos, apresentando folhas espessas e coriáceas, variadas de amarelo ou branco (ANDRADE, 2011). A intoxicação por essa planta pode causar sinais gastroentéricos como sialorreia, êmese, diarreia, estomatite e gastroenterite por conta da presença de cristais de oxalato de cálcio insolúveis (PIRES *et al*, 2013). O tratamento a ser realizado em casos de intoxicação por essa planta é sintomático.



Figura 10: Planta *Scindapsus aureus* (jiboia). Fonte: <https://veiling.com.br/produtos/philodendron-scandens-scindapsus-aureus/>

A *Sansevieria trifasciata*, popularmente conhecida como espada-de-são-jorge, é muito cultivada por conta da crença de que traz prosperidade. Ela contém

componentes tóxicos em suas folhas, raízes e frutos como glicosídeos pregnânicos e saponinas esteroidais que causam dificuldade de movimentação e de respiração, devido a irritação da mucosa e salivação intensa (SILVEIRA, 2018; NASCIMENTO *et al*, 2018).



figura 11: Planta *Sansevieria trifasciata* (espada de são Jorge). Fonte: <https://www.gardendelivery.sjc.br/espada-de-sao-jorge>

Algumas das alterações que podem ocorrer em animais intoxicados pela Espada-de-são-jorge são sialorreia intensa, vômitos e diarreias frequentes, dor abdominal, desidratação leve a moderada, icterícia aguda, quadros de hemoglobinúria em razão de lesão renal aguda, náuseas por azotemia e pressão arterial sistêmica diminuída (DIETRICH *et al.*, 2021).

Casos de intoxicações por ingestão ou contato com possíveis agentes vegetais de caráter tóxico, agravam condições de risco à saúde dos animais, sendo estas as causadoras de cerca de 8% das notificações de canídeos domésticos com quadro de intoxicação na rotina veterinária (LIZARRAGA, 2021).

A erliquiose é uma doença muito comum na clínica de pequenos animais, a mesma é causada pela bactéria gram-negativa *Erlíquia canis* (DE SÁ *et al*, 2018), e sua transmissão acontece pela picada do carrapato *Rhipicephalus sanguineus* (carrapato marrom), caso esteja com sangue infectado e no momento da picada o agente será inoculado, o qual pode ser transmitido por até cinco meses para o hospedeiro (DAGNONE; TINUCCI-COSTA, 2018).

Essa doença se apresenta de forma cutânea, septicêmica e nervosa. Os sintomas apresentados por ela são inespecíficos, e entre eles pode-se ter: depressão, anorexia, letargia, perda de peso, febre, presença de carrapatos, secreção nasal e ocular, petéquias, equimoses, epistaxe, hematúria, edema de membros, vômitos, tosse, dispneia, insuficiência hepática e renal, linfadenopatia, palidez de mucosas,

uveíte, hifema, hemorragia subretinal, deslocamento de retina e cegueira (FIGUEIREDO, 2011).

A transmissão ocorre por vias mecânicas, sendo transmitida durante a alimentação do vetor (carrapato), que ao se alimentar contamina o hospedeiro com sua saliva durante o repasto sanguíneo (SILVA, 2021). O diagnóstico pode ser feito por meio de sorologia, associada com os sinais clínicos, resultados laboratoriais, como trombocitopenia, anormalidades hematológicas, achados citológicos e sorológicos (NEER, HARRUS, 2006).

Para o tratamento da erliquiose canina, o antibiótico de escolha é a Doxiciclina 5 - 10 mg/kg (SOUZA, 2012). A terapia de suporte pode ser necessária em casos de anemia grave ou de comprometimento de outros órgãos (SILVA *et al.* , 2011).

Relato de caso:

Um canino, macho, 6 anos, da raça Shih Tzu, deu entrada no dia 1 de novembro após o tutor relatar aumento de volume abdominal e aumento de peso muito rápido (animal pesava normalmente 5 kg e de um momento para outro passou a pesar 6,100 kg) após ter ingeridos dois tipos de plantas tóxicas, *Scindapsus aureus* (jiboia) e *Sansevieria trifasciata* (espada-de-são-jorge).

O tutor levou o animal primeiramente a uma casa rural onde foi prescrito um antitóxico e um anti-inflamatório adrenocorticoide. Na clínica, foi realizado anamnese onde o animal se encontrava com os parâmetros normais e sem desidratação e foram solicitados exame de ultrassonografia, por conta do aumento abdominal e para checagem do fígado, hemograma e bioquímico, para descartar possíveis doenças parasitárias.



Figura 12: Medicamentos prescritos na casa rural, o uso destes foi interrompido pela médica veterinária. Fonte: Arquivo pessoal (2024).

Na avaliação ultrassonográfica foi sugerido efusão abdominal em moderada quantidade, colecistite e leve hepatomegalia. Com isso, o animal foi submetido a um procedimento de abdominocentese para a retirada do líquido abdominal. Ele foi liberado até saírem os resultados dos exames e para casa foi prescrito Silimarina

180mg/ml + Same 180mg/ml + Ursacol 80mg/ml + Vitamina E 15UI/ml 1 ml uma vez ao dia, Gabapentina 90 mg/ml, e após dois dias diminuiu a dose para 50 mg, pois o tutor relatou que o animal encontrava-se mais prostrado.

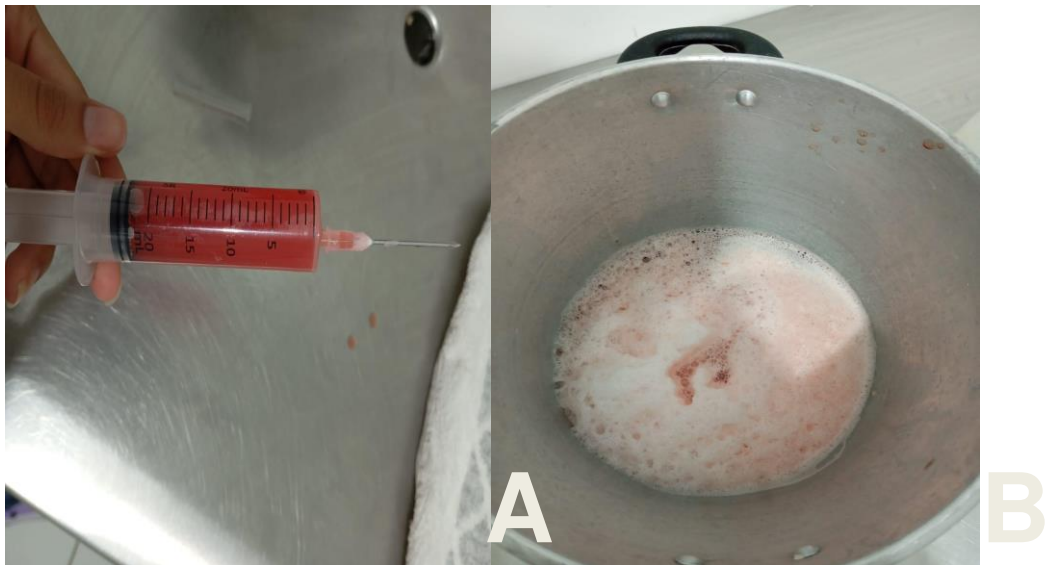


Figura 13: Líquido retirado do abdômen do animal. A. Extração do líquido abdominal na seringa. B. Aspecto do líquido abdominal. Fonte: arquivo pessoal (2024).

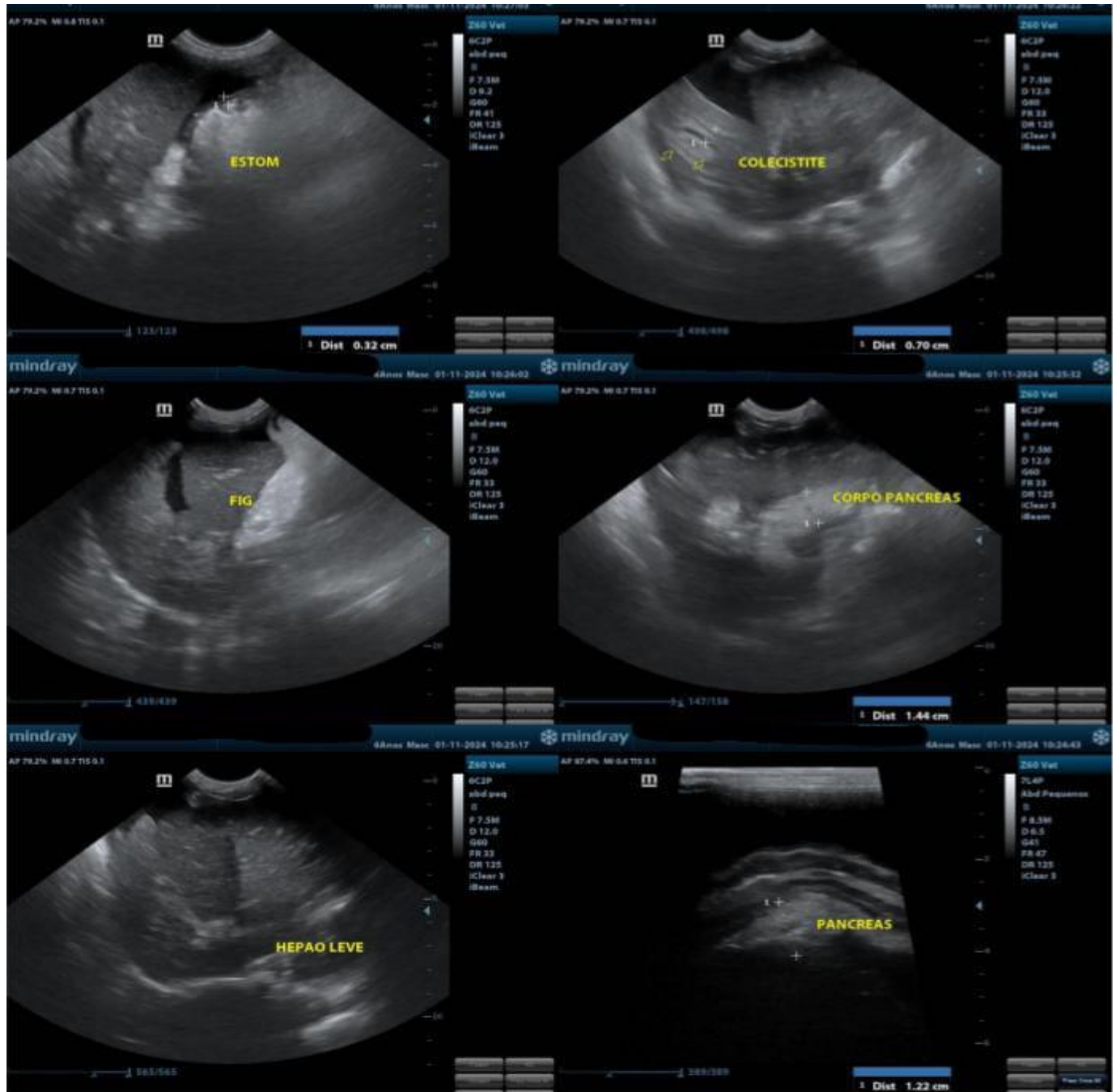


Figura 14: Imagens do exame ultrassonográfico realizado no cão. Fonte: arquivo pessoal (2024).

Após dois dias, a tutora relatou que o animal apresentou vômito, porém, continuou se alimentando normalmente apesar da apresentação de dor abdominal. Foi então prescrito: Ondansetrona 5 mg QID (quatro vezes ao dia); Omeprazol 5 mg em jejum SID (uma vez ao dia), por 10 dias; Amoxicilina com clavulanato BID (duas vezes ao dia), por 7 dias; e para controle de dor Tramadol 100 mg/ml, 10 gotas BID por 5 dias e Dipirona TID (três vezes ao dia), 5 gotas por 4 dias.

O resultado do exame de hemograma e do bioquímico apresentaram algumas alterações (Tabela 1).

Tabela 1. Resultados do hemograma e exame bioquímico.

Parâmetro	Resultado	Referência: min/máx.
Leucócitos totais	22,6	8,0 / 16,0
N. absoluto de Linfócitos	7,2	0,8 / 4,1
N. absoluto de Granulócitos	14,9	4,7 / 12,5
N. relativo de Eosinófilos	31	1 / 8
Eritrócitos totais	9,12	6,0 / 8,0
Hematócrito	59,3	40,0 / 53,0
N. relativo de Neutrófilos	35	58 / 78
MCH	19,4	21,0 / 26,0
MCHC	29,8	31,0 / 35,0
Ureia	60,4	21,4 / 59,9
TGP/ALT	174,0	10,0 / 88,0
Fosfatase alcalina	251,1	20,0 / 156,0
Albumina	2,4	2,6 / 3,3

Após uma semana, o tutor retornou com o animal. Pois o mesmo apresentou novamente acúmulo de líquido abdominal, juntamente com desidratação e mucosas ictéricas. No dia anterior passou por duas outras clínicas para fazer a drenagem do líquido, pela manhã e pela noite, mas não foi retirado por completo.

Durante seu atendimento foi submetido a outro exame de ultrassonografia que constatou aumento hepático em relação ao exame anterior, e efusão abdominal na mesma quantidade, com a suspeita de hemoparasitose.

Para descartar a hemoparasitose, foi realizado um exame de 4DX, o qual apresentou resultado positivo para *Ehrlichia canis* e foi feito também outro hemograma e bioquímico, os quais também apresentaram alterações nos valores (Tabela 2). O SNAP 4DX, que foi utilizado no animal, é um teste rápido que utiliza uma pequena quantidade de sangue, e fornece em minutos o resultado se o animal é positivo para quatro doenças comuns transmitidas aos cães: Erlichiose, a Anaplasmoze, a Doença de Lyme e a Dirofilariose (HOSPITAL VETERINARIO ANIMANIAC'S, 2021).



Figura 15: Exame de 4DX positivado para *Ehrlichia canis*. Fonte: arquivo pessoal (2024).

Tabela 2. Resultados do hemograma e exame bioquímico.

Parâmetro	Resultado	Referência: min/max
N. relativo de monócitos	9	2,0 / 8,0
N. relativo de Eosinófilo	0	1 / 8
Eritrócitos totais	5,04	6,0 / 8,0
Hemoglobina	9,9	14,0 / 18,0
Hematócrito	32,2	40 / 53
MCV	63,9	65,0 / 78,0
MCH	19,6	21,0 / 26,0
MCHC	30,7	31,0 / 35,0
Ureia	184,5	21,4 / 59,9
Creatinina	2,5	0,5 / 1,5
TGP/ALT	196,0	10,0 / 88,0
Fosfatase alcalina	388,6	20,0 / 156,0
Albumina	2,4	2,6 / 3,3
Proteínas totais	5,0	5,4 / 7,1
Globulinas	2,6	2,7 / 4,4
Glicemia	116,0	70,0 / 110,0



Figura 16: Atendimento do paciente no retorno à clínica. A: exame ultrassonográfico; B: animal durante atendimento. Fonte: Arquivo pessoal (2024).



Figura 17: Mucosa gengival com aspecto icterico. Fonte: Arquivo pessoal (2024).

O animal ficou internado e foi realizada novamente uma abdominocentese para a retirada do líquido livre e o tratamento para a hemoparasitose com Doxifin (Doxiciclina) na dose mínima de 1 comprimido de 50 mg, por conta das alterações hepáticas que o animal apresentava. A doxiciclina é a droga de eleição para o tratamento dessa doença, ela é lipossolúvel e alcança uma elevada concentração sanguínea e tecidual penetrando rapidamente na maioria das células, e quando administrada por via oral, tem uma menor taxa de recidiva em comparação às outras tetraciclinas (ALMOSNY, 2002; ADAMS, 2003)

Também foi feita nebulização, boulos de soro para desidratação (pois o animal não deixou o acesso venoso) e foi necessário fazer uma alimentação forçada, onde foi utilizado patê recovery. A nova prescrição medicamentosa para o tratamento dos novos sinais clínicos e por conta das alterações visualizadas, constou com: Renafil

500 mg SID; Pró-rim 1 borrifada, TID; Ômega 3 1 ml; Vitacil 1 ml, SID; Pró-fígado uma borrifada, TID; B12 0,5 ml, a cada 48 horas; Bionew 0,5 ml; Hemolitan 0,5 ml, SID; Erlicontrol dose mínima uma borrifada três vezes ao dia.

Mesmo após o começo do tratamento, o animal já se encontrava bem debilitado e infelizmente veio a óbito.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio obrigatório supervisionado proporcionou uma rica experiência prática, permitindo a aplicação dos conhecimentos teóricos adquiridos durante a graduação, e aprendendo durante a rotina clínica, participando de atendimentos, procedimentos e acompanhando casos clínicos atendidos na clínica

O estágio contribuiu significativamente para a formação, pois possibilitou a observação de diferentes casos, métodos de tratamento e diagnóstico e o contato direto com profissionais especializados na área.

REFERÊNCIAS

- ADAMS, H. R. **Farmacologia e terapêutica em veterinária**. 8. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.
- ALMOSNY, N. R. P. **Hemoparasitoses em pequenos animais domésticos e como zoonoses**. Rio de Janeiro: ND-L. F. Livros, 2002.
- AMORIM, F. V. Hiperplasia mamária felina. **Acta Scientiae Veterinariae**, Porto Alegre, v. 35, n. 2, p. 279-280, 2007.
- ANDRADE, S.F. Plantas tóxicas ornamentais. In: NOGUEIRA, R.M.B; ANDRADE, S.F. **Manual de Toxicologia Veterinária**. São Paulo: Roca, 2011b. p. 34-58.
- ANJOS, B. L.; DANTAS, A. F. M.; NOBRE, V. M. T.; SILVA, A. K. B.; CARNEIRO, R. S.; CARNEIRO, F. D. C.; NÓBREGA NETO, P. I. Hiperplasia fibroepitelial de mama em três gatas. **Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária e Zootecnia**, v. 57, supl.1, p. 66, 2005.
- COSTA, T. N. Alterações hematológicas e bioquímicas séricas nas intoxicações de cães, gatos e ruminantes por plantas. **Universidade Federal do Goiás**, 2011.
- DAGNONE, A. S.; TINUCCI-COSTA, M.; **Medvep - Doenças Infecciosas na Rotina de Cães e Gatos no Brasil**, 1. ed. Curitiba, p. 176-183, 2018.
- DIETRICH, R.; JESSBERGER, N.; EHLING-SCHULTZ, M.; MÄRTLBAUER, E.; GRANUM, P. E. **The Food Poisoning Toxins of Bacillus cereus**. *Toxins* (Basel). v. 13, n. 2, p. 98, 2021.
- FIGUEIREDO, M. R. **Babesiose e erliquiose caninas**. Trabalho de conclusão de curso (Pós – Graduação Lato Sensu em Clínica Médica de Pequenos Animais) – Qualitas, 2011.
- FRAGOSO, P. L.; RAMOS, D.; ARAUJO, M. M.; SILVA, L. C. Hiperplasia mamária felina resistente à ovariectomia: relato de caso. **Anais do Congresso Mundial da Associação Mundial de Veterinários de Pequenos Animais**. São Paulo, 2009.
- HOSPITAL veterinário animaniac's. **Doenças transmitidas por vetores - SNAP 4DX**. Hospital veterinario animaniac's. 2021. Disponível em: <https://animaniacs.com.br/doencas-transmitidas-por-vetores-snap-4dx/> Acesso em 20 nov. 2024

LIZARRAGA, I.; PARTON, K. A survey of animal poisonings in New Zealand veterinary practices: Perceptions of incidence and frequency of poisoning cases. **New Zealand Veterinary Journal**, v. 69, n. 6, p. 349-354, 2021.

MILEWSKI, L. M.; KHAN, S. A. An overview of potentially life-threatening poisonous plants in dogs and cats. **Journal of Veterinary Emergency and Critical Care**, Nova York. v.16, n.1, p.25-33, 2006.

NASCIMENTO, N. C. F.; AIRES, L. D.A.; PFISTER, James A.; MEDEIROS, Rosane M.T.; RIET-CORREA, Franklin. Plantas cardiotoxícas para ruminantes no Brasil. **Pesquisa Veterinária Brasileira**, v. 38, n. 7, p. 1239-1249, 2018.

NEER, T. M.; HARRUS, S. Canine monocytotropic ehrlichiosis and neorickettsiosis (E. canis, E. chaffeensis, E. ruminantium, N. sennetsu, and N. risticii infections). In: GREENE, C. E. **Infectious Diseases of the Dog and Cat Saint Louis: Saunders Elsevier**, 2006. p. 203-216.

PIRES, A. C. K.; GARCIA, F. F.; MARZANO, T. F.; SAYEGH, D. R. Envenenamento acidental por *Epipremnum* sp. (jibóia) concomitante à coccidiose em cão – relato de caso. **Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP**, v. 11, n. 2, p. 75-76, 11.

RAHAL, S. C.; CAPORALI, E. H. G.; LOPES, M. D.; ROCHA, N. S.; MELERO, F. H. Hiperplasia mamária felina: relato de três casos. **ARS Veterinária**, v.19, p. 188-190, 2003.

SÁ, I.S.S.; et al. Erliquiose canina: Relato de caso. **Pubvet**, [S. l.], v. 12, n. 06, 2018. DOI: 10.22256/pubvet.v12n6a118.1-6. Disponível em: <https://ojs.pubvet.com.br/index.php/revista/article/view/1103>.. Acesso em: 23 nov. 2024.

SILVA, F. L.; RODRIGUES, M. C.; CAMAPUM, J. L. R.; BORGES, T. B.; LEITZKE, A. V. S.; QUESSADA, A. M. Hiperplasia fibroepitelial mamária felina: relato de casos. **Atas de ciência da saúde**, São Paulo. vol 11, n. 2, p. 231-240, 2023.

SILVEIRA, E. As plantas da sua casa que podem ser tóxicas para os animais de estimação. **Jornal BBC News Brasil**, 2018.

SILVA, N. M. O. **Babesiose e erliquiose caninas: uma revisão**. Monografia. Universidade Federal Rural da Amazônia. Pará, 2022.

SILVA, M. V. M.; FERNANDES, R. A.; NOGUEIRA, J. L.; AMBRÓSIO, C. E. ERLIQUIOSE CANINA: REVISÃO DE LITERATURA. **Arquivos de Ciências**

Veterinárias e Zoologia da UNIPAR, [S. l.], v. 14, n. 2, 2013. Disponível em: <https://unipar.openjournalsolutions.com.br/index.php/veterinaria/article/view/4149>. Acesso em: 2 dez. 2024.

VIANA, D. C.; SANTOS, A. C.; RUI, L. M.; OLIVEIRA, D. M.; SILVA, A. B.; CHAGAS, F.; COSTA, F. C.; NETO, A. C. A. Hiperplasia mamária felina - relato de caso. **Revista Veterinária Notícias**, Uberlândia, v.18, n. 2, p. 121-125, 2012.


VASCONCELLOS, C. H. C. Hiperplasia mamária. In: SOUZA, H. J. M. **Coletâneas em medicina e cirurgia felina**. Rio de Janeiro: L. F. livros, 2003. p. 231-237.

VERSTEGEN, J. Reprodução em felinos. In: ETTINGER, S. J.; FELDMAN, E. C. **Tratado de medicina interna veterinária: doenças do cão e do gato**. 5.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004. 2 v. Cap.166, p. 1670-1684.


WEHREND A.; Hospes R.; Gruber A. D. Treatment of feline mammary fibroadenomatous hyperplasia with a progesterone antagonist. **The Veterinary Record**, v. 148, p. 346-347, 2001.

DADOS FINAIS:


Barreiras-BA, 29 de Novembro de 2024.

Documento assinado digitalmente
 **SABRINA FERREIRA DOS SANTOS**
Data: 11/12/2024 22:03:48-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Sabrina Ferreira dos Santos
UNEB - Mat. 121820170
(ESTAGIÁRIO)

Documento assinado digitalmente
 **PRISCILA SANTOS DE LIMA**
Data: 11/12/2024 21:56:05-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Priscila Lima
CRMV-BA: 5435
(SUPERVISORA)

Documento assinado digitalmente
 **VANESSA BONFIM DA SILVA**
Data: 08/12/2024 19:09:53-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Vanessa Bonfim da Silva
UNEB - Mat. 92105647
(ORIENTADORA)